

## **A LINHA TÊNUE DA RELAÇÃO COM O PROFESSOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS**

SILVA, Eliane Xavier da  
RU: 1078453  
ALBRECHT, Ana Rosa Massolin

### **RESUMO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo discutir os desafios na relação com o professor no processo de inclusão com os alunos com TEA, no ensino fundamental e suas adaptações no contexto escolar, diante disso as adaptações no currículo serão essenciais para desenvolver sua independência, ultrapassar suas obrigações sociais, para que novos conhecimentos e desempenhos sejam desenvolvidos no aluno. Estudar o autismo e a inclusão colabora para ampliar o conhecimento na área, porém é essencial a formação de profissionais da educação básica com conhecimento específico em inclusão escolar. Nesta perspectiva, o conteúdo reafirma a necessidade que todos entendam e aceitem a diferença humana, e seja capaz de contribuir na construção de uma comunidade justa e igualitária. Possibilitar as crianças com autismo o convívio com outras da mesma faixa etária facilita o estímulo das suas capacidades interativas, evitando o isolamento contínuo. O professor deve ter um olhar atento às necessidades de cada aluno, foque em suas capacidades para que de fato esse aluno se sinta incluído e se efetive o ensino/aprendizagem. Deve-se formar uma rotina para a criança, alterações podem influenciar em seu comportamento. A relevância de uma temática relacionada ao autismo nos anos iniciais do ensino fundamental, como ocorre o processo de inclusão do aluno com TEA e sua relação com o professor é, pois, perceber a importância dos fatores que estão por trás dessa parceria, já que o crescimento de alunos com TEA que estão matriculados e são inseridos em classes comuns nas escolas do Brasil.

**Palavras-chave:** Desafios. Inclusão com TEA. Adaptação Curricular.

### **INTRODUÇÃO**

O tema do artigo é relevante ao cenário atual de inclusão educacional com alunos autistas (TEA), é importante comentar que, diante dos desafios que o professor de apoio encontra no processo de inclusão dos alunos autistas e da relevância que eles possuem na mediação da escolarização desses educadores, a problematização e a discussão desta temática são significativas.

Diante disso as pesquisas desenvolvidas acerca da temática da educação especial com autistas, na perspectiva da educação inclusiva, vêm contribuindo com

os estudos sobre a inclusão dos alunos com deficiência TEA, e também os estudos também colaboram com novas possibilidades de ensino e aprendizagem no desenvolvimento desses alunos para um ensino de qualidade.

A adaptação desses alunos diante de tantas as dificuldades em sala de aula é primordial para que obtenham um desenvolvimento na aprendizagem, sabe-se que é devagar o aprendizado mais sempre haverá sucesso com esses alunos bastam todos obter dedicação e desempenho do professor em sala de aula.

Deste modo, considera-se que estudar o autismo e a inclusão colabora para ampliar o entendimento na área e com a formação de profissionais da educação básica, na compreensão da inclusão escolar.

Nesta compreensão, o conteúdo reafirma a exigência que todos entendam e aceitem a diversidade humana, sendo capaz contribuir na concepção de uma sociedade mais justa.

Além do mais, esse estudo será importante para nossa prática pedagógica, pois de nada vai adiantar ter um aluno com necessidade educacional especial matriculado na escola se não tiver pessoas comprometidas, pois esta será mais uma criança “incluída”. Sendo assim, tem-se que dedicar-se para garantir o aprendizado a todos.

Diante do apresentado, o objetivo deste artigo é explorar as modificações promovidas pelas políticas de inclusão em relação à entrada e presença da criança com autismo na escola regular. Essa pesquisa tem por escolha metodológica o estudo bibliográfico e será efetuada por meio de pesquisa científica na área.

Primeiramente, enquanto caráter estrutural, o artigo abordará o conceito de autismo e o diagnóstico diferencial, sendo assim a segunda parte tratará da Educação Inclusiva, a Política Nacional da Educação Especial, e a terceira parte abordara exclusivamente a Inclusão Escolar de crianças com autismo.

## **O ALUNO AUTISTA E INCLUSÃO ESCOLAR**

Segundo Lacerda (2017), o indivíduo portador do autismo possui essa condição desde o nascimento, sendo detectados pelos familiares por volta dos 2 a 3 anos de idade, os sintomas aparecem de maneira mais perceptiva nesta fase, caracterizado por uma condição regressiva ao passar dos anos.

Leo Kanner (1943), segundo Lacerda (2017), publicou o estudo científico pioneiro que reconhece as características da condição do espectro autista, sendo o marco inicial para todos os estudos que vieram a seguir.

Kanner Hans Asperger propôs conforme Lacerda (2017), apresentar uma nova característica do autismo infantil precoce, chamado de síndrome de Asperger, revelada quando a criança é mais velha, essa condição prejudica sua comunicação, mas não a fala. Essa condição é enriquecida com uma inteligência elevada. Essa categoria era separada do diagnóstico do TEA, sendo inserida na quinta edição do Manual Estatístico e Diagnóstico de Transtornos Mentais.

Bruno Bettelheim, de acordo com Lacerda (2017), através do livro publicado por ele, *A Fortaleza Vazia*, equiparou as mães de crianças portadoras de TEA, aos soldados nazistas, supondo que as mães causavam através de sua frieza emocional a condição autística em seus filhos. Diante dessa suposição publicada, os Estados Unidos resolveram agir de duas maneiras: promover um tratamento psiquiátrico as mães ou afastar os filhos de sua convivência, sendo essas duas maneiras consideradas lamentáveis para ambas as partes, causadoras de várias internações inúteis e em alguns casos causando depressão e suicídio por parte das genitoras.

Antigamente, não existia um diagnóstico para portadores do autismo, sendo considerados deficientes mentais severos, que na maioria das vezes, eram isolados do convívio social por seus familiares e principalmente de frequentarem as escolas regulares (LACERDA, 2017).

(...) Na maior parte das vezes o autismo é genético, ou seja, decorre da carga genética de seus pais ou é uma mutação genética ocorrida na própria criança. Estudos recentes apontam o impacto genético no desenvolvimento entre 80% a 90% (...) (SANDIN *et al*, 2017).

Segundo Lacerda (2017), a condição no TEA nem sempre se desenvolve no indivíduo, as relações ambientais possuem grande relevância para o diagnóstico final, contudo, esse “ambiente” não está relacionado com as relações sociais, e sim, com o ambiente intrauterino.

Um dos fatores relacionados com o agente causador do TEA é a incidência de partos prematuros, não sendo assim, considerada uma condição específica, pois, nascer prematuramente não significa que a criança desenvolverá o autismo (LACERDA, 2017).

Um dos elementos que aparecem como associados ao TEA são os medicamentos antiepiléticos. (...), tomado em geral por pessoas com epilepsia mais severa e que, quando injetado em ratas prenhas, faz nascer em ratos com comportamento tipicamente autista, que é uma das formas de produção de modelo animal para a pesquisa sobre autismo em laboratório". (COUTINHO; BOSSO, 2015, p. 29).

Mediante os estudos de Viktorin (2017), de acordo com Lacerda (2017), outro fator que é discutido entre os estudiosos sobre a relação associada ao espectro autista, é o uso de antidepressivos usados por parte das mães durante a gravidez no tratamento da depressão, sendo essa, considerada na maioria das vezes como a causa da condição autista.

Para Lacerda (2017), a partir da criação do DSM V (Manual Estatístico e Diagnóstico de Transtornos Mentais), todas as subdivisões como Síndrome de Asperger, Autismo Clássico, entre outras começaram ter um único diagnóstico, o TEA.

A condição do TEA foi dividida em diferentes graus, sendo eles, leve ou nível 1, moderado ou nível 2 e severo ou nível 3, facilitando a abordagem de medicamentos, tratamentos e intervenções médica. A partir dessas intervenções, o nível de gravidade pode ser modificado para uma evolução na condição do autismo. (LACERDA, 2017).

O DSM V a partir da análise do comportamento são definidos os critérios sociais que as pessoas com TEA apresentam na maioria das vezes, tais como déficits persistentes na comunicação e interação social, ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal, em muitos casos ausência de fala, compreensão das falas são pé da letra dificultando as relações sociais. (LACERDA, 2017, p. 17).

Cunningham e Schreibman (2009), *apud* Lacerda (2017), também são definidos critérios comportamentais, que são característicos de indivíduos que possuem o autismo, como movimentos motores usam de objetos ou fala estereotipados ou repetitivos, estereotípias motoras simples (comportamento não habitual), alinhar brinquedos ou girar objetos, ecolalia (fala por eco, por repetição), frases idiossincráticas (que possuem carga pessoal particular e não estabelecem sentido e comunicação).

Para Lacerda (2017, p. 18), outros aspectos importantes da conduta no autismo são, dependência de uma rotina fixa, intolerância a pequenas mudanças, rituais de saudação, forte interesse por objetos incomuns, não transparece em opções em relação à dor, temperatura, intolerância a sons ou texturas específicas, admiração visual por luzes ou movimentos.

(...) a manifestação do autismo pode ser observada algumas vezes desde muito breve e quase sempre da sinais claros a partir dos 12 meses de idade". (ADRIEN, 1993, p. 07)

Lacerda (2017), explica que as crises de birra, na maioria das vezes têm uma função de comunicação pela ausência da fala, utilizadas pelo autista com a finalidade de se expressar positivamente ou negativamente com relação aos seus desejos.

Por isso, tais crises devem ser primeiramente observadas por um profissional especialista na área com finalidade de identificar sua causa e após isso com base nessas informações são elaboradas e aplicadas intervenções específicas para cada caso.

## **O PROFESSOR E O ALUNO AUTISTA DENTRO DA SALA DE AULA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Assim, como expressa Rodriguez (2006), a exclusão é devida provavelmente a fatores culturais, que nos conduzem a pensar que a diferença é perigosa. Demanda-se cuidado com as pessoas diferentes – seja na identidade sexual, socioeconômica, de deficiência de etnia etc. As ideias feitas da sociedade sobre o que é diferente fazem com que a mesmo passe a excluir, isolar e banir, o que resulta na necessidade de identificar e criar programas para combater a exclusão, gerando assim um conceito contrário: a inclusão.

Diante disso Klein (2010) corrobora com o mencionado, afirmando que a palavra "inclusão" tem sido utilizada como jargão na área educacional para marcar as práticas que gostaríamos que fossem mais justas democráticas e solidárias para com o outro. O ato de incluir vai além da inserção, faz-se necessário tornar o indivíduo parte de um todo, para que o mesmo não seja rotulado e excluído por apresentar comportamentos e características diferenciadas. Já o ensino que possibilita educar de forma inclusiva para as diversidades, no que condiz Melo, Lira e Facion (2008, p. 65),

[...] impõe a construção de um projeto que não se dará ao acaso nem de uma hora para outra e que não é uma tarefa individual. Ao contrário, trata-se de um trabalho coletivo, que envolve discursões e embates entre diferentes esferas (governo, sociedade, escola e indivíduo) em que seja possível refletir sobre que escola queremos construir e que indivíduos pretendemos formar.

Os Professores tornam-se parceiros neste aspecto se tornando um Desafio, é importante manter a calma e estar seguro na sala de aula, então a segurança pode ser repassada aos pais de crianças com necessidades especiais. Diante disso a criança voltará para casa todos os dias com o seu desenvolvimento de ensino ampliado com sabedoria.

Silva e Arruda (2014), abordam em seu artigo *O Papel do professor na Inclusão Escolar*, a dificuldade encontrada pelas escolas regulares e por seus profissionais em trabalhar com a inclusão de forma integral. Não podendo haver diferenças no planejamento diante da inclusão, pois o ensino deve ser igualitário para todos.

Esse estudo buscou investigar a formação continuada dos professores, para que estejam aptos a trabalhar com crianças que possuem diferentes necessidades especiais de maneira responsável. Podendo verificar assim, o grau de dificuldade de cada um de maneira eficiente para que o corra uma evolução de ambas as partes (SILVA; ARRUDA, 2014).

Ainda para Silva e Arruda (2014), o principal procedimento utilizado foi pesquisa de campo, através de um questionário elaborado com 10 questões para serem respondidas por 10 profissionais da área da educação, mais especificadamente com os professores. As perguntas foram sobre formação continuada e quais os meios de conhecimento para trabalhar com a inclusão.

Os principais achados do estudo mostram que é indispensável a utilização dos programas de intervenção precoce para o desenvolvimento integral do educando portador de alguma deficiência, associado com o trabalho de inclusão nas escolas comuns para a formação da personalidade, desenvolvimento de capacidades motoras e cognitivas, e principalmente para a autonomia. (SILVA, ARRUDA, 2014).

Mediante Silva e Arruda (2014), esse trabalho abordou um problema de grande relevância social, já que aborda a importância da inclusão social e pedagógica nas escolas comuns para crianças portadoras de deficiência como, autismo, síndrome de Down, deficiência visual, entre outras. Por outro lado, a falta de capacitação na sua formação, limita os professores em sua atuação, prejudicando a evolução social, cognitiva do educando e o próprio rendimento metodológico do professor.

O trabalho de inclusão tem que começar no contexto familiar juntamente com a intervenção de profissionais capacitados para garantir uma evolução e superação das capacidades motoras, cognitivas, sociais e psicológicas. No âmbito escolar a

capacitação dos professores é de suma importância para que haja uma evolução integral diante de qualquer tipo de necessidade especial. (SILVA; ARRUDA, 2014).

## **DESAFIOS E ADAPTAÇÃO CURRICULAR**

Mudanças no currículo escolar tem o objetivo de atender a necessidade da criança inserida na rede regular de ensino, sendo assim se faz importante entender a diferença entre modificar o currículo e adaptar.

A modificação se faz no modo de alteração no conteúdo, porém não deixando de atender a necessidade do aluno, mesmo que essa modificação de conteúdo tenha que mudar a maneira de avaliar. Já a adaptação se dá de forma em que o conteúdo não se modifica, porém as atividades são adaptadas diante a necessidade do aluno e a forma de avaliar não é alterada.

Diante disso sempre se devem levar em consideração as limitações do aluno, não deixando de utilizar metodologias significativas para o aprendizado, sendo assim pode se dizer que quando se modifica o conteúdo a essência é a mesma, porém o professor utiliza de outros meios para transmitir o conteúdo que deseja ensinar, e quanto a adaptação muda apenas como vai ser apresentado o conteúdo e busca métodos para não fugir do assunto.

Para Cunha (2015, p. 87) ressalta que “há uma relação diferente entre o cérebro e os sentidos, então as informações nem sempre geram conhecimento”, sendo assim para que a criança se desenvolva é necessário que o educador tenha diferentes métodos e utilizam de diferentes recursos para garantir uma educação de qualidade, pois se sabe que cada criança tem seu tempo de aprender.

Em muitos casos serão necessárias algumas alterações na área acadêmica, pois uma vez que o aluno tem dificuldade em habilidade motora como, por exemplo, segurar uma caneta, ou até mesmo mudar de ambiente para realização de atividade exige certa modificação ocasionando estresse na criança.

Quando se programa estratégias e intervenções de ensino, o professor tem que tomar cuidado com a forma de avaliar o aluno e não deixar de apoiar as estratégias utilizadas para a aprendizagem. Ou seja, quando avalia o aluno é imprescindível uma investigação baseada nas competências do aluno.

Todo educador tem que ter consciência de que cada autista reage de um jeito, apresentando assim características variadas o comprometendo, desta forma necessita de um total apoio em seu processo de ensino aprendizagem.

O autista junto aos professores e toda a equipe pedagógica encontram dificuldades, tanto em ingressar em uma escola regular, quanto na rotina como um todo, para uma melhor adaptação, se faz necessária obter a diminuição da contingência trazida pelo educando, para que seja possível a melhor adaptação perante o currículo.

Toda a ação curricular serve para ajudar a flexibilização e a viabilização ao acesso a diretrizes estabelecidas pelo currículo, não possuindo assim a intenção de desenvolver uma proposta de currículo, mas sim um currículo dinâmico a ser desenvolvido, sendo possível alterar quando for necessário, atendendo a uma realidade desejada pela educação escolar, perante a sua necessidade.

O currículo flexível ajuda no estabelecimento do vínculo da cumplicidade entre pais e professores, perante a instituição escolar, para estabelecer as competências a serem estabelecidas para a educação do educando, permitindo assim uma total evolução estrutural perante aos desafios a serem enfrentados.

Segundo Franco (2000), material foi redimensionado em oito módulos relativos ao Programa “Adaptações Curriculares em Ação”, dos quais quatro são específicos por área de atendimento: altas habilidades/superlotação, deficiência física neuromotora, deficiência visual e surdez. Nele são reforçadas as ações de reorganização dos componentes curriculares como condição imprescindível à inclusão dos estudantes do público alvo da Educação Especial.

Para Fernandes (2011), a responsabilidade desse processo deve ser compartilhada pelos diferentes atores sociais e estar utilizada na época representada no Projeto Político Pedagógico e nas políticas, ações e programas dos órgãos centrais da educação. No campo da Educação Especial, o próprio tema do currículo levanta dúvidas e gera polêmicas, sobretudo tendo em vista que, para muitos, prevalece uma concepção de currículo diferenciado e com uma sequência de atividades de vida diária e social ou a redução de conteúdo disciplinares que marginalizam as diferenças.

Kupfer e Petri (2000) acreditam ser necessário muito mais do que uma reformulação do espaço, do conteúdo programático ou de ritmos de aprendizagem. O desenho do currículo escolar numa escola inclusiva envolve romper com práticas excludentes e concepções pedagógicas conservadoras. Para efetivar a inclusão



escolar é preciso, portanto, transformar a escola, questionar concepções e valores, visto que não se trata de adequar as práticas educacionais, mas transformá-las em função do desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes.

Na Prática de ensino baseada em princípios pedagógicos as crianças com deficiência, com base na percepção positiva do sujeito das diferenças nos benefícios ambientais (como um direito humano). A educação inclusiva pode ser levada a todos os alunos, garantindo o acesso e acomodação de qualidade, onde com o ambiente favorável obtenha-se um estudo bem-sucedido.

Diante disso, Mantoan (2006, p. 64), afirma que:

Para que se avance nessa direção, é essencial que os sistemas de ensino busquem conhecer a demanda real de atendimento a alunos com necessidades educacionais especiais, mediante à criação de sistemas de informação e o estabelecimento de interface com os órgãos governamentais responsáveis pelo Censo Escolar e pelo Censo Demográfico, para atender a todas as variáveis implícitas à qualidade do processo formativo desses alunos. Nestes termos a acessibilidade deve ser assegurada nos seguintes aspectos: mediante à eliminação de barreiras arquitetônicas, urbanísticas, na edificação. Incluem-se também, as instalações, equipamentos, mobiliários, nos transportes escolares, nas barreiras nas comunicações e informações.

As adaptações do ambiente e currículo são necessárias, e deve corresponder às atividades educacionais oferecidas pelo sistema educacional, visando atingir os seguintes objetivos: todos os alunos incluindo aqueles que têm algumas necessidades educacionais especiais, sem fazer um diferencial em sala de aula.

Quando há a inclusão de um educando autista há novos desafios a serem enfrentados, pois cada criança tem um sintoma diferente da outra, por isso a necessidade de conhecê-las antes de tudo, por isso a necessidade de se trabalhar com orientações adequadas em seu cotidiano.

As crianças com autismo necessitam de uma rotina a ser seguida, pois reagem mal a novas mudanças e adaptações, pois a repetição se faz necessária no processo das atividades a serem realizadas. O professor precisa entender se o aluno responde bem aos estímulos auditivos e visuais, interagindo assim com os colegas e professor, mantendo padronizada a forma de cumprimento e de se conduzir a ele, para não provocar uma possível crise de ansiedade.

Antes de a aula ser iniciada o professor deve pedir aos pais/responsáveis que apresentem a escola ao educando, para a tranquilização e familiarização com o espaço a ser convívio em seu cotidiano.

Há algumas crianças com o Espectro Autista com hipersensibilidade a barulho alto, por isso a necessidade dos responsáveis leva-los antes dos outros educandos para irem se acostumando com os ruídos.

Os autistas mostram interesses específicos em demonstrar o seu verdadeiro fascínio com tudo relacionado a ele, onde o professor deverá aproveitar a brecha para trabalhar temas com atividades em sala de aula para atrair a sua atenção e conseguir a sua concentração em tarefas.

Em geral todos os educandos necessitam aprender o mesmo conteúdo, nem que seja necessário realizar algumas adaptações de forma a ser apresentado a cada um, porém o professor precisa lembrar que fazer diferenciações não ajuda a criança autista, mas sim atrapalha em sua interação com as demais crianças e prejudicando a sua motivação perante a sua aprendizagem.

As orientações em sala de aula devem ser claras e objetivas, facilitando assim a compreensão das tarefas a serem realizadas, beneficiando a todas as crianças.

As atividades coletivas quando trabalhas, beneficiam os educandos, realizando assim através de jogos, brincadeiras, tarefas e atividades e nunca se esquecer de ficar atento em como reagem a esses momentos de interação com seus colegas.

## **METODOLOGIA**

Esta seção será destinada a esclarecer o processo metodológico utilizado ao longo da realização deste trabalho, buscando expor de forma mais aprofundada e mostrando previamente as peculiaridades de cada percurso realizado a fim de obter exitosos resultados.

A pesquisa científica existe em todos os campos da ciência. No campo da educação, descobrimos que algumas foram publicadas ou estão em andamento. Este é um processo Investigação de resolução, resposta ou aprofundamento de problemas na pesquisa de fenômenos. Bastos e Keller (1995, p. 53) definem: “a pesquisa científica é uma investigação metódica acerca de um determinado assunto com o objetivo de esclarecer aspectos em estudo”.

Para Gil (2002, p. 17) “A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não pode ser adequadamente relacionada ao problema”.

Marconi e Lakatos (2010) dizem que, a seleção do instrumento metodológico está

[...] diretamente relacionada com o problema a ser estudado; a escolha dependerá de vários fatores relacionados com a pesquisa, ou seja, a natureza dos fenômenos, o objeto da pesquisa, os recursos financeiros, a equipe humana e outros elementos que possam surgir no campo da investigação. Tanto métodos, quanto técnicas devem adequar-se ao problema a ser estudado, às hipóteses levantadas e que se queira confirmar, ao tipo de informantes com que se vai entrar em contato. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 147).

De acordo com os estudos de Knechtel (2014), a pesquisa qualitativa pode ser entendida como uma categoria de pesquisa que visa operar sobre uma problemática de cunho humano ou social. Sua base implica em testar uma teoria, que é composta e está associada a variáveis quantificáveis. O objetivo reside na promoção de análises quantitativas, estatísticas, a fim de checar a sustentação de generalizações decorrentes do fenômeno em estudo.

[...] uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo fazendo dele uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e anotações pessoais. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma postura interpretativa e naturalística diante do mundo. Isso significa que os pesquisadores desse campo estudam as coisas em seus contextos naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem. (DENZIN; LINCOLN, 2005, p. 3)

Acreditamos desta forma, que tratar o presente trabalho dentro da abordagem qualitativa permitiu-nos ter uma amplitude ao estudo realizado, ao considerar os aspectos envolvidos não como aspectos estáticos, mas com toda complexidade que envolve o objeto de estudo analisado a partir da interpretação.

No mais, classificamos a pesquisa como sendo de natureza bibliográfica considerá-la adequada aos objetivos estipulados, haja vista que a partir dos dados referenciais analisados possibilitou-nos investigar criticamente como o nosso objeto de estudo.

O pressuposto na pesquisa bibliográfica é a investigação em material teórico sobre o assunto de interesse do pesquisador. Ela está concentrada em reconhecer o problema ou o questionamento que delimitará todo o estudo, ou seja, antes mesmo das etapas de investigação, o ponto de partida para a utilização desse tipo de método

de pesquisa será o assunto a ser estudado, antes mesmo até do objeto de pesquisa, uma vez que até mesmo o primeiro pode ajudar a encontrar o segundo.

Já para Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica, é realizada

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32)

Gil (2002, p. 44), por sua vez, discorre que

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL, 2002, p. 44)

Ainda de acordo com Gil (2002), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.”

O mapeamento das fontes dessa pesquisa se deu em no Portal de Periódicos CAPES<sup>1</sup>, no portal de revistas da Scielo<sup>2</sup> e no Google Acadêmico<sup>3</sup>. O material foi selecionado a partir de uma leitura exploratória e seletiva, a início, seguida de uma leitura analítica e por fim, interpretativa. No dizer de Gil (2002, p. 63),

[...] o levantamento bibliográfico é de fundamental importância para a formulação do problema de pesquisa. Todavia, por si só, ele é insuficiente. Requer-se a reflexão crítica acerca dos assuntos estudados, de forma tal que seja possível identificar controvérsias entre os diferentes autores, identificar abordagens teóricas relevantes para o estudo de fenômeno e, se possível, optar por uma abordagem teórica capaz de fundamentar o trabalho. (GIL, 2002, p. 63)

---

<sup>1</sup> O *Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)*, é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional.

<sup>2</sup> O *Scientific Electronic Library Online* é um portal de revistas brasileiras que organiza e publica textos completos de revistas na Internet. Produz e divulga indicadores do uso e impacto desses periódicos.

<sup>3</sup> O *Google Acadêmico* é uma ferramenta do Google que possibilita a localização de artigos, teses, dissertações e outras publicações úteis para pesquisadores.

No que condiz às etapas de leituras, a exploratória é um tipo de leitura rápida a qual se faz do material bibliográfico, tem por finalidade a verificação da importância da obra para com a pesquisa em questão. Nela, é feito o reconhecimento e a visão global de determinada obra.

Já a seleção, é a determinação do material que realmente interessa à pesquisa e de acordo com o objeto de pesquisa. Por característica, tende a ser uma leitura mais densa do que se comparada à exploratória, mas não será uma etapa de leitura final em nenhum dos tipos de pesquisa.

Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 05) corroboram com o supracitado,

Leitura seletiva é quando se realiza uma leitura do livro todo, tentando selecionar as informações fundamentais, ou seja, escolher o material que realmente interessa à pesquisa. Entretanto, deve haver critérios de seleção baseados nos propósitos do trabalho.

A leitura analítica, por sua vez, é realizada tendo por base os textos anteriormente selecionados. Desta forma, nessa fase, o pesquisador se atenta às análises sistemáticas para que, mediante a isso, possa compreender as ideias do texto e organizar as informações obtidas.

Por último, e sendo esta a última nas etapas de uma pesquisa bibliográfica, a leitura interpretativa, como o próprio nome já nos diz, busca-se interpretar as informações obtidas e organizadas na etapa de leitura anterior.

Ou seja, nessa fase, o pesquisador irá tomar como base os textos lidos e construir suas próprias ideias e concepções a partir do objeto de estudo. Essa etapa é bastante perspicaz, pois o autor deve conduzir suas considerações de forma cautelosa, isto é, sem nenhuma subjetividade.

Fica, assim, apresentada a caracterização metodológica desse estudo quanto a sua natureza investigativa. Uma pesquisa desenvolvida dentro de uma abordagem qualitativa, quanto à natureza de pesquisa; bibliográfica e documental, quanto aos procedimentos e materiais de análise; exploratória e interpretativa, quanto ao método investigativo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa foi possível entender como se faz inclusão no Brasil, além das dificuldades e da carência de certas informações pode se dizer que os profissionais da educação não estão sozinhos no caminho da inclusão.

A inclusão no processo educativo não se trata apenas de inserir o aluno em uma sala regular, há processos que necessitam fazer para que a inclusão seja adequada ao processo de aprendizagem, e que o aluno se sinta à vontade e tenha prazer em fazer parte desse processo, não deixando de citar também os parâmetros curriculares e as políticas públicas presente quando o assunto é inclusão.

A inclusão escolar, ainda trás resistência à sociedade, mesmo existindo parâmetros legal que garantem a inserção do aluno no ensino regular. O professor é um dos primeiros a sentir dificuldade, pois o aluno portador do Autismo necessita de uma atividade adequada e muitas vezes esse educador não tem um suporte para que avance com o estudante no seu processo de aprendizagem.

Infelizmente a exclusão está sendo maior do que a inclusão, pois há caso de aluno depositado em um canto de sala de aula, pois falta informação para o professor de como lidar e quais os caminhos que deve seguir para que ocorra a verdadeira inclusão. Ou seja, a inclusão só acontece quando o aluno caminha juntamente com os demais, mesmo que os conteúdos sendo adaptados, porém o aluno está no mesmo nível de conteúdo dos demais.

Os objetivos propostos foram alcançados fazendo uma breve reflexão e desmistificando todo o trabalho a ser realizado com crianças portador do TEA, além de expor as dificuldades encontradas no meio educativo, vale deixar claro que os professores estão cada vez mais atentos a inclusão, pois o número de alunos com esses transtornos está crescendo a cada ano.

Com essa pesquisa pode-se concluir que sim vão existir desafios e da maneira correta podem ser superados. Sendo importante a troca de informações entre professor, escola e família, assim todos saberão como está sendo o processo de inclusão da criança, podendo lhe dar um melhor suporte no ensino e aprendizagem. Todas as estratégias estudadas devem ser aplicadas para que a criança tenha um desenvolvimento cognitivo e social, elevando o seu bem-estar.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**, de 30 de março de 2007. Protocolo Facultativo a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Decreto Legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008; e Decreto Executivo nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm). Acesso em 13 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acesso em 13 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Especial**, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em 13 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>. Acesso em 13 set. 2021.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 6 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2015.

CUNNINGHAM, A.B. SCHREIBMAN, L. Stereotypy in autism: The importance of function, **Research in Autism Speetrum Disorders**, v.2, Issue 3, p. 469-479, 2008.

CZERMAINSKI, F. R.; BOSA, A.; SALLES, J. F. de. Funções Executivas em crianças e adolescentes com transtorno do espectro do autismo: uma revisão. **Psico**. Porto Alegre. v. 44, n.4, p.518-525, out./dez, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11878>. Acesso em: 20 set. 2021.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2598746/>. Acesso em: 20 set. 2021.

DONVAN, J. ZUCKER, C. **Outra sintonia: a história do autismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANCO, M. O PCN e as adaptações curriculares para alunos com necessidades educacionais especiais: um debate. **TEIAS: Revista da Faculdade de Educação**. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Educação, n.1, p74-83, jun, 2000. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23851>. Acesso em: 20 set. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

KLEIN, R. R. A escola inclusiva e alguns desdobramentos curriculares. In: KLEIN, R. R.; HATTGE, M. D (Org.). **Inclusão escolar**: implicações para o currículo. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 2010.

KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teóricoprática dialogada. Curitiba, PR: Intersaberes, 2014.

KUPFER, M.; PETRI, R. Por que ensinar a quem não aprende? Estilos da Clínica: **Revista sobre a Infância com Problemas**, v. 5, n. 9, 109-117, 2000. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282000000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282000000200008). Acesso em: 19 set. 2021.

LACERDA, L. **Transtorno do espectro autista**: uma brevíssima introdução. Curitiba: CRV, 2017.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar**. Editora Moderna, 2006.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

MELO, S. C. de.; LIRA, S. M. de.; FACION, J. R.; Políticas inclusivas possíveis implicações no ambiente escolar. In: FACION, J. R (Org.). **Inclusão escolar e suas implicações**. Curitiba: Ibipex, 2008.

RODRIGUEZ, D. (Org.). **Inclusão e Educação**: Doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006.

SANDIN S, LICHTENSTEIN P, KUJA-HALKOLA R, HULTMAN C, LARSSON H, REICHENBERG A. The Heritability of Austim Spectrum Disorder. **JAMA**, 2017. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jama/fullarticle/2654804>. Acesso em 18 set. 2021.

SILVA, A. P. M. da. ARRUDA, A. L. M. M. O Papel do Professor Diante da Inclusão Escolar. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 5, n. 1, 2014. Disponível em: [https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes\\_pdf/educacao/v5\\_n1\\_2014/Ana\\_Paula.pdf](https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Ana_Paula.pdf). Acesso em: 15 set. 2021.

SILVA, E. F. da. **O que trata a BNCC acerca da educação inclusiva?** Disponível em: <https://www.redepedagogica.com.br/post/o-que-trata-a-bncc-acerca-da-educa%C3%A7%C3%A3o-inclusiva>. Acesso em: 12 de set. de 2021.

SOUSA, A. S. de; OLIVEIRA, G. S. de; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n.43, p.64-83, 2021. Disponível em: <https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em 28 dez. 2021.

VIKTORIN, A., UHER, R., REICHENBERG, A., LEVINE, S.; SANDIN, S. Austim risk following antidepressant medication during pregnancy. **Psychological Medicene**, v. 47, n. 16, p. 2787-2796, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28528584/#:~:text=Results%3A%20The%20adjuste>



[d%20RR%20of,history%20of%20depression%20or%20anxiety](#). Acesso em: 14 set. 2021.